

Os gansos do Capitólio

16 MAI 1988

MUDOU a realidade que por um certo tempo confirmaria a divisão ainda refugiada em textos escolares de Geografia Econômica: a que opôs aos países centrais os países periféricos, servindo permanentemente a economia destes à expansão crescente daqueles. Mudou, porque as economias, neste final de século, caminham para uma integração, via complementação; o que exclui aquele padrão de divisão: complementação é doravante interdependência; não subordinação.

AO MUDAR, essa realidade descarta como anacronismo o insulamento econômico e sua figura política típica, a reserva de mercado. A esta restará criar uma categoria estapafúrdia — a dos países periféricos por vontade própria e autodeterminação, soberanos em sua opção pelo atraso.

CONSTATA-SE a irreversibilidade da tendência à integração, através de dois fatos de nossos dias: os Estados nacionais formam comunidades econômicas, ou procuram adaptar-se às existentes ou em vias de implantação. E dificilmente sobrar algum espaço para essa entidade fortemente heterogênea que se convencionou chamar, faz mais de 25 anos, de Terceiro Mundo.

A COMUNIDADE Econômica Européia (CEE), gestada pacientemente através de todos esses anos que nos separam do Tratado de Roma (1957), está de nascimento a termo: a 1º de janeiro de 1993, quando desaparecerão as fronteiras econômicas entre

os 12 países que ora a compõem e quando se formará um mercado livre para seus 330 milhões de habitantes. Livre, mas também cioso da integração tão laboriosamente obtida.

OUTRA comunidade está a se criar, entre os Estados Unidos e o Canadá, com os tratados firmados no início deste ano e já de etapas de implementação fixadas, para que surja, ao cabo de dez anos, um irrestrito e vigoroso fluxo de bens e capitais.

QUE FAZEM outros Estados, face ao engenho e determinação dos que souberam inventar seu próprio futuro econômico? Não há alternativa: ajustam-se. Ninguém quer chegar atrasado ao mercado da CEE, por exemplo, capaz de absorver 40% do total das importações mundiais e de gerar um Produto Bruto de nível do americano.

É ASSIM que o Kuwait saca no fundo feito com a receita da venda de petróleo e se torna responsável por 62% dos investimentos externos na Espanha ano passado, ligando-se até a setores considerados estratégicos, como o grupo químico Explosivos Rio Tinto, com um ramo de armamentos. Sob as bênçãos, naturalmente, do governo socialista de Felipe González. E não só na Espanha: o Kuwait Investment Office detém, na Alemanha Ocidental, 17% da Daimler-Benz (Mercedes), 15% do grupo metalúrgico Metallgesellschaft e é o principal acionista, com 24,9%, da Hoechst.

É COM os olhos em 1993 que a Nestlé (Suíça) procura adquirir o controle da

Rowntree, britânica, enquanto, perseguindo objetivos análogos, os japoneses da Bridgestone adquirem, nos Estados Unidos, a Firestone; e os britânicos, da Beazer, abocanham, também ali, a Koppers, a grande empresa de material de construção sediada em Pittsburgh.

ÉIS A realidade atual, pelo Mundo afora: quando não desaparecem formalmente, caem de fato as fronteiras que antes obstavam a entrada de capitais, o fluxo de técnicas e serviços, de mão-de-obra e de bens. Libera-se a concorrência, de olhos postos numa soma das potencialidades, numa articulação das oportunidades.

UMA REALIDADE a que a Constituinte brasileira foge, com sua suspeita contra o capital externo e com a defesa das reservas de mercado. E de tanto a ela fugir, passa ao largo da própria realidade brasileira: ao instituir a reserva de mercado sobre a mineração, a Constituinte estava atingindo apenas 2,8% do total de capital externo aqui investido. Talvez por causa do grande desempenho que esse pequeno percentual logrou: foi por trabalho desse capital externo, representado, no caso, pela US Steel, que se chegou, faz hoje mais de 20 anos, à província mineral de Carajás.

ESSA ONDA de nacionalismo que percorre a Constituinte tem veleidades de entrar para a História. Talvez. Mas não será nem como os gansos do Capitólio, que só entraram para a História porque grasnaram ao incêndio de Roma, que não apagaram: nosso incêndio é imaginário.